

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY  
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**O DISCURSO DA MULHER INDÍGENA NA  
REDE SOCIAL INSTAGRAM:  
PROTAGONISMO E MILITÂNCIA**

**THE SPEECH OF INDIGENOUS WOMEN IN THE  
INSTAGRAM SOCIAL NETWORK:  
PROTAGONISM AND MILITANCE**

**Nara Rúbia Santos RABELO**  
Instituto Federal de Goiânia (IFG)  
E-mail: naranubiarabelo@gmail.com

**Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ**  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
E-mail: alita.paraguassu@ifg.edu.br

**Nunes Xavier da SILVA**  
Universidade Federal do Norte do Tocantins  
(UFNT)  
E-mail: nunessofia@hotmail.com



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o discurso produzido por mulheres indígenas, publicado na rede social *Instagram*, para evidenciar o protagonismo feminino construído por meio de uma rede digital de militância indígena. Os enunciados selecionados para o estudo discursivo foram produzidos pelas ativistas indígenas influenciadoras digitais: Sônia Guajajara, Célia Xakriabá e Watatakalu Yawalapiti, em um momento histórico em que houve um grande retrocesso no cumprimento de políticas públicas para indígenas, promovido pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, eleito no ano de 2018. O estudo dos enunciados produzidos pelas indígenas e publicados por meio do *Instagram* foi realizado através de uma pesquisa netnográfica. A netnografia é o ramo da etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na Internet e a dinâmica desses grupos no ambiente *on-line* e *off-line*. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a coleta de enunciados publicados pelas indígenas para a análise discursiva em Foucault, o qual desenvolveu dentro do campo de estudo da Análise do Discurso de linha francesa teorias sobre as relações estabelecidas entre sujeito, saber e o poder para a formação de enunciados, e os enunciados produzidos por meio dessa relação formam diferentes discursos. Os enunciados transcritos neste trabalho estão disponíveis em formato de texto e vídeo, nos perfis pessoais no *Instagram* das indígenas influenciadoras digitais selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa. Este artigo, portanto, analisa os enunciados de resistência produzidos por mulheres indígenas, para estudar o discurso e o protagonismo feminino indígena no enfrentamento às violências que afetam o bem-estar de suas comunidades.

**Palavras-chave:** Discurso feminino indígena. *Instagram*. Análise do Discurso. Michel Foucault.

## ABSTRACT

This work aims to study the discourse produced by indigenous women, published on the Instagram social network, to highlight the female protagonism constructed through a digital network of indigenous militancy. The statements selected for the discursive study were produced by indigenous activists, digital influencers: Sônia Guajajara, Célia Xakriabá

Nara Rúbia Santos RABELO; Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ; Nunes Xavier da SILVA. O Discurso da Mulher Indígena na Rede Social Instagram: Protagonismo e Militância. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 254-277.

and Watatakalu Yawalapiti, in a historic moment in which there was a great setback in the fulfillment of public policies for indigenous people, promoted by the government of President Jair Messias Bolsonaro, elected in 2018. The study of utterances produced by the indigenous people and published through Instagram was carried out through a netnographic survey. Netnography is the branch of ethnography that analyzes the behavior of individuals and social groups on the Internet and the dynamics of these groups in the online and offline environment. The methodology used in this research was the collection of utterances published by the indigenous people for discursive analysis in Foucault, who developed, within the field of study of French-line Discourse Analysis, theories on the relations established between subject, knowledge and power for education of utterances, and the utterances produced through this relationship form different discourses. The statements transcribed in this work are available in text and video format, in the personal Instagram profiles of the indigenous digital influencers selected to compose the corpus of this research. This article, therefore, analyzes the statements of resistance produced by indigenous women, in order to study the discourse and the role of indigenous women in confronting state violence that affects the well-being of their communities.

**Keywords:** Indigenous female discourse. Instagram. Speech analysis. Michel Foucault.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho discutimos sobre a formação discursiva de resistência da mulher indígena brasileira, que se constitui, há anos, através da luta coletiva de suas comunidades pela vida. Os discursos das indígenas são acessados por milhares de pessoas, no Brasil e no exterior, por meio da rede social *Instagram*. Os enunciados produzidos pelas líderes indígenas buscam o cumprimento de políticas públicas indigenistas, o respeito aos territórios sagrados e a igualdade entre homens e mulheres aborígenes.

Desde 1500, ano em que os portugueses iniciaram a colonização do Brasil, as comunidades indígenas lutam contra o genocídio de seus povos, culturas e a exploração ilegal da biodiversidade em seus territórios, praticada por madeireiros e garimpeiros (a mando de empresas e do Estado) interessados nos recursos naturais. A partir disso, a resistência tornou-se necessária para manter a sobrevivência e a preservação das comunidades indígenas do país. No primeiro tópico desta pesquisa, discuto mais sobre o contexto histórico e a luta das indígenas pertencentes às comunidades Guajajara, Xakriabá e Yawalapiti, para a defesa da vida e dos seus territórios.

Nara Rúbia Santos RABELO; Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ; Nunes Xavier da SILVA. O Discurso da Mulher Indígena na Rede Social Instagram: Protagonismo e Militância. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 254-277.

Além do mais, de acordo com o Conselho Indigenista Missionário (2019), os povos indígenas continuam sofrendo ameaças, mesmo após trinta anos da aprovação da Constituição Federal de 1988, que garante o respeito à identidade cultural dos povos originários. Após a Medida Provisória (MP) nº 870/2019, assinada pelo atual governo de Jair Bolsonaro, houve graves lacunas nas políticas socioambientais, pois com essa MP o governo transferiu para o “Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a identificação, delimitação, reconhecimento e demarcação das Terras Indígenas (Tis), esvaziando a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)” (CIMI, 2019)<sup>1</sup>, demonstrando, mais uma vez, o descaso e o genocídio com os povos indígenas.

A necessidade de manter a sobrevivência das comunidades indígenas e a preservação de seus territórios foi um fator motivador para as indígenas Sônia Guajajara, Célia Xakriabá e Watatakalu Yawalapiti produzirem enunciados publicados no *Instagram*, tornando-se porta vozes de suas comunidades; ocupando o espaço de sujeitos nas relações de poder ao publicar discursos de resistência que denunciam o retrocesso político que assola as aldeias indígenas localizadas em territórios ainda não demarcados. Assim, elas assumem o protagonismo dentro da militância indigenista.

A análise dos enunciados de resistência produzidos pelas líderes de comunidades indígenas pautou-se na pesquisa netnográfica das páginas das indígenas na rede social *Instagram*, e no estudo bibliográfico das teorias desenvolvidas por Foucault, retomadas por estudiosos da Análise do Discurso de linha francesa (séc. XX), que analisa a relação estabelecida entre o sujeito, o saber e o poder para a formação de enunciados de resistência.

No que se refere à metodologia desta pesquisa, nossos estudos partem da netnografia. De acordo com Kozinets (2014)<sup>2</sup>, netnografia é uma forma especializada de etnografia que utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, *blogs*, perfis nas redes sociais, etc<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> APIB lança campanha “Sangue Indígena: nenhuma gota a mais”. Conselho Indigenista Missionário, 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/01/apib-lanca-campanha-sangue-indigena-nenhuma-gota-a-mais/>. Acesso em: 01, jul. 2021.

<sup>2</sup> KOZINETTS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. 1ª edição. Porto Alegre: Penso, 2014.

<sup>3</sup> Ibid., p. 62.

Assim como praticamente toda etnografia, a netnografia se estenderá, quase que de forma natural e orgânica, de uma base na observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados e arquivos, análise de caso histórico estendida, videografia, técnicas projetivas como colagens, análise semiótica e uma série de outras técnicas. Segundo Kozinets, o uso do termo netnografia, nesse caso, representa a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes *online* e *offline* de compreensão cultural.

Para realizar uma pesquisa netnográfica, portanto, é necessário seguir seis passos: planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa<sup>4</sup>. Neste trabalho, o método netnográfico partiu da coleta dos enunciados de resistência publicados por mulheres indígenas. Por meio desse método, foi realizada uma pesquisa pelos perfis das líderes indígenas no *Instagram*, para a identificação e seleção dos discursos compartilhados por elas.

Para a realização da análise dos enunciados compartilhados pelas líderes indígenas no Instagram, e usados no corpus deste trabalho, fundamentamo-nos na pesquisa bibliográfica das obras de Michel Foucault, mais especificamente os livros: *A arqueologia do saber* (2008), *A história da sexualidade 1: a vontade saber* (1988), *A ordem do discurso* (1996), e *Ditos e escritos IV* (2006).

De acordo com a autora Chiara et al. (2008)<sup>5</sup>, a pesquisa bibliográfica visa o conhecimento e a análise das principais teorias relacionadas a um tema, pode ser processada em bases de dados nacionais e internacionais que contêm artigos de revistas, livros, teses e outros documentos. Ela é, portanto, a parte indispensável de qualquer tipo de pesquisa, podendo ser realizada com diferentes finalidades: para ampliar o conhecimento em determinada área, capacitando o investigador a compreender e delimitar melhor um problema de pesquisa; para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, etc<sup>6</sup>.

Outrossim, na análise dos dados, apresentamos os enunciados de resistência produzidos pelas indígenas citadas neste trabalho, sob uma análise foucaultiana. Os

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 62.

<sup>5</sup> CHIARA, Ivone Di, et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Epapers, 2008.

<sup>6</sup> Ibid., p. 15-16.

discursos produzidos pelas líderes indígenas Sônia Guajajara e Célia Xakriabá, apresentados em formato de citação, buscam democratizar a participação de diferentes povos nativos na construção de políticas públicas socialmente justas, para romper com relações de poder exercidas pelo Estado e grupos empresariais, que colocam em risco a sobrevivência das comunidades tradicionais.

Ademais, por meio dos enunciados produzidos pela indígena Watatakalu, líder do povo Yawalapiti, observamos a luta das indígenas contra o machismo que exclui as mulheres das decisões políticas e sociais da aldeia; visto que muitos homens indígenas ainda não reconhecem suas parceiras como sujeitos de poder. Por fim, listo as referências bibliográficas que serviram como suporte para o desenvolvimento desta pesquisa discursiva.

### **A LUTA DAS MULHERES INDÍGENAS NO DECORRER DO TEMPO: DA INVISIBILIDADE À REIVINDICAÇÃO POR DIREITOS**

A autora Heloísa Buarque de Hollanda é uma das vozes mais respeitadas e ativas do Brasil quando o assunto é feminismo, e é o marco teórico no qual me apoio para analisar a luta das mulheres indígenas no decorrer do tempo; pois, Hollanda é pesquisadora do feminismo e militante feminista desde a década de 1980. Em seu livro intitulado *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade* (2018)<sup>7</sup>, ela apresenta as várias intersecções presentes na luta feminista no país e, dentre elas, o feminismo indígena, suas vozes e raízes.

Hollanda afirma que a ausência de informações relacionadas às questões indígenas foi uma política estabelecida pelo Estado brasileiro ao longo do processo de colonização do Brasil, para negar a identidade indígena e estabelecer, a partir da ignorância, uma campanha de desqualificação dos povos indígenas e suas culturas<sup>8</sup>. Ao serem estereotipados como seres humanos selvagens, preguiçosos e irracionais, sem alma e sem a fé cristã, devido às suas práticas culturais diversas, os povos indígenas lutam contra a violência e a injustiça que perduram há mais de 500 anos, e tem causado o genocídio de diversas etnias.

As mulheres indígenas são as que mais sofrem com a invisibilidade social e a violência praticada por madeireiros, garimpeiros, pecuaristas e pelo próprio Estado, com

<sup>7</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p, 308.

seus projetos de hidrelétricas e mineração. As indígenas travam uma luta cotidiana pela defesa de seus territórios, pela preservação de sua cultura e pelo direito ao seu corpo. Sendo assim, desde a década de 1980, elas mostram resistências que rompem com o papel que culturalmente desempenharam na aldeia<sup>9</sup>. Por causa da participação ativa na luta do dia a dia, as mulheres indígenas foram conquistando respeito dentro das aldeias e a aceitação da presença feminina em espaços que eram considerados de domínio masculino.

No decorrer do tempo, as indígenas conquistaram notoriedade com a criação de grandes associações de mulheres, totalmente novas nas regiões onde aconteciam os encontros principais; assim nasceu, na década de 1980, a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e a Associação das Mulheres Indígenas de Taracuí, Rio Uaupés e Tiquié (AMITRUT)<sup>10</sup>.

As primeiras organizações criadas por mulheres proliferaram e, por isso, as denúncias de seus principais problemas se tornaram conhecidas, assim como as suas reivindicações mais urgentes, que são: apoio das lideranças masculinas nas decisões políticas dentro e fora das aldeias; elas também pedem que as organizações indígenas façam a promoção de atividades educativas relacionadas à saúde da mulher; o acesso às políticas de capacitação profissional etc.

De acordo com Hollanda (2018), é a partir dessas reivindicações por direitos que elas têm produzido uma mudança de valores na geração mais jovem, a qual está construindo outras possibilidades e novas concepções para a sociedade indígena brasileira. São mulheres indígenas que lutam pelo protagonismo de se expressar e batalham pelo que acreditam. Elas ensinam às suas comunidades que não pretendem tirar os direitos dos homens, mas lutarem ao lado deles, com igualdade, para fortalecer a luta comunitária e específicas por direitos de mulheres guerreiras.

Investigou-se, então, por meio dos estudos de Hollanda, que as mulheres indígenas são uma peça fundamental na qual compõem a engrenagem que movimenta a resistência indígena no Brasil. Desse modo, ao posicionarem-se discursivamente em prol dos seus direitos por meio de organizações como a AMARN e a AMITRUT e, também, por intermédio da rede social *Instagram*, as indígenas constroem relações de saber e poder que tentam combater as violências institucionalizadas às quais são submetidas há séculos.

---

<sup>9</sup> Ibid., p. 303.

<sup>10</sup> Ibid., p. 303.

Contudo, Hollanda afirma que relatar sobre os casos de violência contra mulheres indígenas não é uma tarefa fácil, visto que não existem dados científicos os quais demonstrem que elas sejam vítimas de violências nas aldeias ou nas cidades. Sem dados estatísticos, não há visibilidade para que se possa lutar por políticas públicas que garantam uma melhor qualidade de vida às mulheres indígenas<sup>11</sup>. Entretanto, a luta feminina indígena contra a violência, hoje em dia, acontece de outras formas, apesar de não haver a mesma divulgação que o feminismo de mulheres brancas, negras, lésbicas e transsexuais.

A seguir, no enunciado produzido por Sônia Guajajara, observamos que o feminismo indígena existe e está em busca de visibilidade, mas as suas pautas são diferentes em comparação às demais intersecções do feminismo brasileiro. Isso ocorre devido à luta que as indígenas exercem contra a implementação de um projeto político de dominação patriarcal genocida e antidemocrático aplicado pelo Estado, o qual contribui para o massacre de povos aborígenes e para a invisibilização do feminismo dentro e fora das comunidades:

Existe um feminismo indígena, mas do nosso jeito. Talvez esse termo não seja o mais adequado para a nossa realidade. O feminismo soa radical, longe da gente. Mas temos sim buscado protagonismo dentro das aldeias e fora, nas nossas lutas, procurando visibilidade. Hoje, mulheres têm assumido os principais cargos dos movimentos indígenas estaduais e regionais. Uma vitória nossa, mas que contou também com o entendimento e os votos de muitos homens para acontecer. Para a gente, esse é o nosso feminismo: se empoderar e assumir o protagonismo (GUAJAJARA, 2017 apud HOLLANDA, 2018, p. 302).

Conforme Guajajara menciona em seu enunciado, o feminismo indígena está sendo construído de um jeito diferente em comparação às demais intersecções do movimento feminista; pois ele está intrínseco à luta coletiva indígena pelo bem-estar das comunidades e seus territórios. Assim, as líderes indígenas, e influenciadoras digitais, citadas nesta pesquisa são de etnias que existem por sua cultura e resistem a todo tipo de violência, na busca de identificar e registrar itens e aspectos de sua história de modo a proteger esse patrimônio.

---

<sup>11</sup> HOLLANDA, op. cit., p.305.

## Mulheres Indígenas: As Vozes que Não Calam

Assim como a história de luta e resiliência protagonizada por suas etnias, as indígenas selecionadas como sujeitos de enunciados que compõem o estudo discursivo desta pesquisa, são exemplos de guerreiras que buscam combater a violência e a exclusão social que acontecem com as suas comunidades.

Sônia Bone de Souza Silva Santos, conhecida pelo nome de batismo Sônia Guajajara, da terra indígena de Araribóia (Maranhão), é, hoje, um rosto conhecido por seu ativismo em favor das causas indígenas. Sônia em entrevista concedida ao Blog da atriz e apresentadora Glória Pires (BemGlô)<sup>12</sup>, afirma que é filha de mãe indígena e pai lavrador, teve uma infância muito pobre, e por isso, curta. Para poder estudar, ela começou a trabalhar cedo, como babá, pois sua família não tinha como custear seus estudos.

Na adolescência, Sônia Guajajara teve a oportunidade de estudar em um colégio interno no interior de Minas Gerais, a convite da FUNAI, onde se formou no magistério. Assim, retornou às suas terras dando aulas de educação e saúde. Enquanto iniciava a graduação em Letras na Universidade Estadual do Maranhão, no início dos anos 2000, começava também sua trajetória junto aos movimentos sociais. Primeiro, participou da coordenação das Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão, uma associação sem fins lucrativos que congrega os 11 povos indígenas do estado<sup>13</sup>.

Essa experiência local a levou para a coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, que desde a Constituição de 1988 luta pelos direitos indígenas nos nove estados que compõem a Amazônia. Crescendo neste cenário, Sônia Guajajara tornou-se referência entre as mulheres indígenas e chegou à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e maior instituição representativa do país, onde, atualmente, ela é coordenadora.

De Minas Gerais, Célia Nunes Correia, cujo nome de batismo é Célia Xakriabá, é uma mulher indígena e ativista desde os 13 anos. Seu foco é denunciar a ausência histórica de mulheres indígenas na política e em outros territórios, como a universidade, e estimular a busca e retomada do protagonismo das mulheres indígenas em espaços institucionais. De

---

<sup>12</sup> PIRES, Glória. Sônia Guajajara. **Bemglô**, 2020. Disponível em: <https://bemglo.com/sonia-guajajara/>. Acesso em: 01 jul 2021.

<sup>13</sup> Ibid., 2020.

acordo com o autor Lopes et al. (2020)<sup>14</sup>, Célia Xakriabá fez os seus estudos de Educação Básica na Escola Indígena Estadual Xukurank, em São João das Missões (MG). Depois, ela foi parte da primeira turma de Educação Indígena da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2013<sup>15</sup>.

Em 2015, com apenas 25 anos de idade, Célia foi a primeira mulher indígena que entrou para formar parte da equipe do órgão central da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, permanecendo até 2017. Obteve um mestrado em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em sustentabilidade junto a povos tradicionais (Universidade de Brasília), onde estudou por dois anos, entre 2016 e 2018. Trabalhou na Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais do Ensino, aportando os seus conhecimentos sobre as culturas indígenas e integrando-as no currículo de ensino<sup>16</sup>.

Célia Xakriabá também defende que as escolas dos povoados indígenas têm que oferecer uma educação baseada nos conhecimentos indígenas e nos processos pedagógicos presentes na cultura de cada povo, que são diferentes devido aos seus contextos históricos e territoriais distintos. A indígena também fala da indigenização, quilombolização e camponização das escolas ocidentais, para que os alunos que não são parte dessas comunidades possam aprender dos outros povos que constituem o país.

Watatakalu Yawalapiti, liderança do povo Yawalapiti, é filha do falecido cacique Piracumã e coordenadora do Movimento Mulheres do Alto Xingu (ATIX MULHER). Ser filha de lideranças indígenas traçou o destino de Watatakalu desde a infância. A indígena Yawalapiti em entrevista concedida ao blog Matilda.my (2018)<sup>17</sup>, afirma que após a primeira menstruação, ela passou três anos em reclusão, período em que lhe foram transmitidos todos os costumes e tradições do seu povo.

Retornando para o convívio com a aldeia, ao participar de uma festividade tradicional, o Kuarup, Watatakalu despertou o interesse de um garoto, que pediu sua mão em casamento a seus pais. Com 15 anos, ela foi forçada a se casar com esse garoto por seus pais, que organizaram um Moitará, reunião entre diferentes aldeias indígenas, e realizaram o seu casamento sem que ela soubesse.

---

<sup>14</sup> LOPES, R. et al. **Personagens e Resistência**: dilemas e avanços da democracia brasileira. IFMG, 2020. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/betim/noticias/estudantes-produzem-materiais-didaticos-em-competicao-de-historia/celia-xakriaba.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2020

<sup>15</sup> Ibid., 2020.

<sup>16</sup> Ibid., 2020.

<sup>17</sup> WATATAKALU e a formação de uma liderança indígena feminina. **Matilda.my**, 2018. Disponível em <http://matilda.my/editoria/watakalu-e-formacao-de-uma-lideranca-feminista-indigena/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

Por três anos, Watatakalu permaneceu casada com esse homem sem deixar que ele a tocasse e sem aceitá-lo como marido. Um dia ele tentou forçá-la e ela se defendeu com uma ponta de flecha que havia escondido em sua rede. Ela foi mandada de volta para sua família, que precisou devolver todos os presentes recebidos em seu casamento como pagamento<sup>18</sup>. Por ser filha de líderes e não ter aceitado o casamento arranjado por seus pais, outras indígenas da aldeia se sentiram mais fortalecidas para fazerem o mesmo. Mas essa não foi sua única atitude a influenciar positivamente a cultura de seu povo.

Em 2004, Watatakalu decidiu que adotaria uma dessas crianças que não eram aceitas pela comunidade. Sua família desaprovou a ideia, mas Watatakalu seguiu com o plano mesmo assim. Ela arranhou uma doação de leite de amigos de seu pai e por 20 dias conseguiu cuidar de um bebê que seria entregue à morte, até que pediu ajuda para sua mãe, que cuidou da criança no final<sup>19</sup>.

Apesar das dificuldades enfrentadas, sua iniciativa modificou a forma como as pessoas viam a questão. Os esforços de Watatakalu fortalecem o seu discurso de que as mulheres e mães são as guardiãs da identidade do seu povo, contribuindo para a construção de um pensamento político que prega a valorização da mulher indígena.

### **A relação das Mulheres Indígenas com o Saber e o Poder Para a Formação de Enunciados de Resistência: Um Estudo Baseado na Análise do Discurso em Foucault**

Do ponto de vista teórico, já citado, esta pesquisa utiliza o estudo que Michel Foucault desenvolveu sobre a constituição de saberes, poderes e sujeitos. A teoria foucaultiana sobre a formação do discurso tem como estudo a relação estabelecida entre o sujeito, o saber e o poder; é por meio dessa relação que se formam enunciados de resistência. A relação entre sujeito, saber e poder é muito estudada por Foucault ao longo de sua trajetória acadêmica nos estudos discursivos. Apesar de não ser o único conceito pesquisado pelo autor, interessa muito à Análise do Discurso de linha francesa.

De acordo com Castro (2009), o discurso é, segundo a perspectiva foucaultiana, o conjunto de enunciados que provém do mesmo sistema de formação; assim podemos falar de discurso político, clínico, econômico, da história natural e psíquico: “O discurso está

<sup>18</sup> Ibid., 2018.

<sup>19</sup> Ibid., 2018.

constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência”<sup>20</sup>.

A nossa análise discursiva baseada nas pesquisas de Foucault estuda os enunciados formadores dos discursos das mulheres indígenas, num ambiente virtual e voltado para o estabelecimento das vozes e de lugares de fala. A Análise do Discurso desenvolvida por Foucault mergulhou fundo no estudo sobre a relação estabelecida entre o sujeito, as instituições de saber e o poder para a formação de enunciados de resistência. Para Foucault (1988)<sup>21</sup>, a resistência está intrínseca às relações de poder, pois não são práticas indissociáveis<sup>22</sup>.

Diante da necessidade de nos ancorar teoricamente para entender os processos e as práticas discursivas das mulheres indígenas que analisamos neste trabalho, e baseando-nos no pensamento de Foucault, buscamos estudar os conceitos de saber, poder e resistência para entender as relações exercidas pelas indígenas por meio da rede social *Instagram*.

De acordo com Foucault (2006)<sup>23</sup>, as relações de poder exigem que o outro, sobre quem se exerce o poder, seja mantido como sujeito de ação. O poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce. O autor também examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona: O poder não é nem fonte, nem origem do discurso. O poder é algo que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Foucault entende as relações de poder como um conjunto de ações que tem como objetivo outras ações possíveis. O autor não questiona o que é o poder, mas sim como funciona através de um conjunto constituído por instituições, procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica e complexa de poder, que tem como alvo principal a população<sup>24</sup>.

Segundo Castro (2009), o estudo realizado por Foucault reflete sobre os sistemas de diferenciação que permitem que o poder de um seja exercido sobre os outros: diferenças

<sup>20</sup> CASTRO, op. cit., p. 117.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>22</sup> Ibid., p. 91.

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. 2ª edição. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

<sup>24</sup> Ibid., p. 59.

jurídicas, tradicionais, cognitivas; que objetivos se perseguem: manutenção de privilégios, acúmulo de riquezas, exercício de uma profissão; quais instrumentos de dominação utilizam: a palavra, o dinheiro, a vigilância, o registro; que formas de institucionalização estão implicadas: os costumes, as estruturas jurídicas, os regulamentos, as hierarquias, a burocracia; que tipo de racionalidade está em jogo: a tecnológica e a econômica<sup>25</sup>.

Portanto, ao estabelecerem uma relação com o saber e o poder, as mulheres indígenas produzem enunciados que tentam combater as opressões que as relações de poder estabelecidas pelo Estado criam, expondo-as contra Medidas Provisórias que alteram negativamente leis responsáveis pela preservação das comunidades indígenas, garantidas constitucionalmente.

Os enunciados publicados por elas também alertam a sociedade não indígena sobre os desmontes de instituições públicas defensoras dos direitos dos povos originários, como a FUNAI; a destruição da biodiversidade dos seus territórios e o assassinato de líderes de suas comunidades. Por meio dos seus discursos de resistência publicados no *Instagram*, as indígenas representam suas aldeias na luta contra as opressões causadas pelo Estado e por grupos empresariais, tornando-se sujeitos de poder.

Ademais, o saber, para Foucault (2008)<sup>26</sup>, é um dos objetos da arqueologia proposta por ele. A arqueologia é definida como a história das condições históricas que possibilitam o saber<sup>27</sup>. De acordo com Castro (2009), a disciplinarização do saber, segundo as teorias foucaultianas, é o controle da formação de enunciados que se organizam a partir de modelos científicos, tendem à coerência, estão institucionalizados e são ensinados como ciência: “A arqueologia se inscreve na história geral; quer mostrar como a história (as instituições, os processos econômicos, as relações sociais) pode dar lugar a tipos definidos de discurso”<sup>28</sup>. E, por isso, é fundamental para a análise dos enunciados selecionados para o corpus desta pesquisa.

Foucault (2008) define saber como as delimitações das relações entre aquilo do que se pode falar em uma prática discursiva; o domínio dos objetos; o espaço em que o sujeito pode situar-se para falar dos objetos; o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados, em que os conceitos aparecem são definidos, aplicados e transformados; as possibilidades de utilização e de apropriação dos discursos. Portanto, é um conjunto de

<sup>25</sup> CASTRO, op. cit., p. 326.

<sup>26</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª edição. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

<sup>27</sup> Ibid., p. 8.

<sup>28</sup> CASTRO, op. cit., p. 41-110.

elementos, de objetos, tipos de formulação, conceitos e escolhas teóricas: o saber é fruto de lutas, de guerras, da configuração política, do desejo e do próprio discurso. O saber forma configurações de poder que ao mesmo tempo lhes dão força, pois o saber justifica discursivamente esse poder<sup>29</sup>.

Sendo assim, o saber compartilhado pelas indígenas é fruto da luta coletiva protagonizada pelos seus povos, em momentos históricos em que o governo brasileiro violentou os direitos constitucionais, a vida e o território de suas comunidades. Desse modo, o saber indígena compartilhado pelas mulheres, na atualidade, forma configurações de poder que lhes dão força para lutar contra os crimes institucionais praticados pelo Estado, visto que o saber ancestral indígena justifica discursivamente o poder que elas exercem.

### **O Discurso da Mulher Indígena no *Instagram***

Conforme já mencionado, as comunidades indígenas e outros povos tradicionais do Brasil, a partir de 1500, enfrentam diversas formas de violência: agressões e assassinatos contra líderes, mulheres e crianças, invasões e devastação das florestas de seus territórios, entre outros tipos de ataques contra as suas comunidades. Todavia, mesmo sofrendo todas as violências mencionadas, após séculos de luta e resistência os povos originários do país conquistaram muitos direitos constitucionais, por exemplo, a Lei nº. 6.001/1973 que garante a sobrevivência e a preservação das culturas indígenas, como a demarcação de seus territórios e aspectos relativos à proteção, respeito à vida e à dignidade humana (BRASIL, 1973)<sup>30</sup>. E, ainda, o acesso às universidades e instituições públicas por meio, também, do sistema de cotas, garantido pela Lei nº. 12.711/2012 (BRASIL, 2012)<sup>31</sup>.

Os estudos discursivos e sociológicos organizados por pesquisadores no decorrer dos séculos, por meio de documentos históricos, têm mostrado a luta dos povos indígenas do Brasil para preservar as suas comunidades e territórios, resistindo às violências no campo e à exploração desenfreada dos recursos naturais. Observou-se, a partir de 2018, ano em que Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do país, o aparecimento de muitas publicações que denunciam a violência Estatal sofrida pelas comunidades indígenas, no

<sup>29</sup> FOUCAULT, op. cit., p. 203-204.

<sup>30</sup> 3 BRASIL. **Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília, 1973. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm). Acesso em: 03, jul. 2021.

<sup>31</sup> Brasil. **Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm). Acesso em: 03, jul. 2021.

Instagram de indígenas, e dentre essas, de líderes mulheres que atuam como influenciadoras digitais.

As publicações tornaram-se mais intensas a partir do ano de 2019, quando iniciou o governo do presidente eleito. De acordo com o órgão indigenista Amazônia Latitude (2019)<sup>32</sup>, no mesmo ano houve um aumento da violência no campo, o que ocasionou o assassinato de 9 líderes indígenas de diferentes etnias<sup>33</sup>. Os enunciados de resistência publicados pelas indígenas e selecionados para o corpus desta pesquisa estão disponíveis no Instagram, a partir de 24/05/2018 até 13/11/2020.

Devido à facilidade de conexão com pessoas do mundo todo, o *Instagram* é usado como uma ferramenta digital que possibilita espaço discursivo e visibilidade a grupos marginalizados para que possam ter voz e reivindicar seus direitos sociais, como observamos acontecer com os povos indígenas do Brasil. Segundo a pesquisadora de tecnologias digitais Bruna Rasmussen (2020)<sup>34</sup>, o Instagram é uma rede social de fotos e vídeos para usuários de Android e iPhone. Trata-se, basicamente, de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com amigos.

Há ainda a possibilidade de postar essas imagens em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. No *Instagram*, os usuários podem curtir e comentar nas fotos uns dos outros; há também o uso de *hashtags* (#) para que seja possível encontrar imagens relacionadas a um mesmo tema, apesar das pessoas que tiraram essas fotos não serem amigas virtuais<sup>35</sup>.

Com a possibilidade de enviar vídeos e transmitir *Lives* (transmissões ao vivo) com bate-papos que abordam temáticas da luta indígena, as líderes indígenas influenciadoras digitais utilizam as ferramentas que o Instagram disponibiliza para publicar seus discursos de resistência, gravar e denunciar as violências sofridas por suas comunidades, mostrando ao mundo as agruras que o não cumprimento das políticas públicas indigenistas causa às aldeias e à preservação dos seus territórios.

---

<sup>32</sup> O número de indígenas mortos em 2019 é o maior da década. **Amazônia Latitude**, 2019. Disponível em: <https://amazonialatitude.com/2019/12/18/numero-de-lideres-indigenas-mortos-em-2019-e-o-maior-da-decada/>. Acesso em: 29 de fev. 2020.

<sup>33</sup> *Ibid.*, 2019.

<sup>34</sup> RASMUSSEN, Bruna. O que é Instagram? **Canaltech**, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-instagram/>. Acesso em: 03, jul. 2021. 68 *Ibid.*, 2020.

<sup>35</sup> *Ibid.*, 2020.

No ano de 2020, o protagonismo das indígenas Sônia Guajajara, Célia Xakriabá e Watatakalu Yawalapiti, dentro da militância indígena brasileira, tornou-se ainda mais evidente. Elas são indígenas que ocupam o âmbito político, acadêmico e do ativismo social, dentro e fora de suas comunidades, as quais denunciam violências no campo e buscam democratizar a participação indígena na construção de políticas públicas. Desse modo, ao se relacionar com instituições públicas e assumir cargos de poder, a mulher indígena ocupa o seu lugar de falar e tenta dar voz às suas comunidades que, por anos, foram silenciadas.

### Os discursos de Resistência da Mulher Indígena sob uma Análise Foucaultiana

Como já mencionado, os enunciados publicados por mulheres indígenas e colhidos para o estudo discursivo em Foucault, nesta pesquisa, são exemplos que revelam o discurso e o protagonismo das líderes indígenas nos ambientes político e social. O protagonismo feminino dentro da militância indígena busca democratizar a participação de mulheres e homens na construção de políticas públicas. Tendo isso em vista, apresentamos o enunciado que legenda o vídeo publicado no *Instagram*, dia 27 de setembro de 2020, no perfil da indígena coordenadora da Apib, Sônia Guajajara<sup>36</sup>.

Sônia visitou comunidades indígenas localizadas em diversas regiões do Brasil, para apoiar a candidatura de parentes indígenas nas eleições municipais de 2020. Nas sequências enunciativas transcritas, a seguir, Guajajara declara o seu apoio a candidatos de diversas comunidades que habitam territórios tradicionais, exercendo uma prática discursiva persuasiva. De acordo com Foucault (2008), uma prática discursiva é um conjunto de regras anônimas determinadas por meio de eventos históricos, pelo tempo, espaço, área social, econômica, geográfica ou linguística específica, que possibilitam as condições de exercício da função enunciativa<sup>37</sup>. Tal prática discursiva de resistência exercida por Sônia Guajajara visa à democratização da participação indígena na política brasileira:

Estou no território Xakriabá, município de São João das Missões, antes chamado São João dos índios. É um município cuja população é 96% indígena, e vim aqui para fortalecer as candidaturas indígenas comprometidas com a luta de seu povo. O ano de 2020 é um marco na

<sup>36</sup> GUAJAJARA, Sônia. 27 de set. 2020. **Instagram**: @guajajarasonia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHhKhGvFvaT/>. Acesso em: 18 out. 2020. 76 FOUCAULT, 2008, op. cit., p. 133

<sup>37</sup> FOUCAULT, 2008, op. cit., p. 133.

história de incidência política dos povos indígenas do Brasil. A Apib estimulou a campanha para lançamento de candidaturas em todo o Brasil, e são 2.147 registros segundo o TSE; ainda é um número pequeno, mas representa um aumento de 26% em relação à eleição passada. É importante eleger representantes indígenas nas Câmaras de vereadores e também nas prefeituras (GUAJAJARA, 2020).

Durante o estudo dos enunciados produzidos por Guajajara, observamos uma prática discursiva que busca combater a exclusão de pessoas indígenas na construção de uma política brasileira socialmente justa. Ao se tornar um sujeito de poder por meio do discurso, a coordenadora da Apib em parceria com os Xakriabá e demais comunidades indígenas de todo o Brasil, tentam combater o genocídio de seus povos e culturas, fazendo dos seus discursos de resistência uma arma para a defesa dos seus territórios. De acordo com Foucault (1988): “a codificação estratégica desses pontos de resistência torna possível uma revolução”<sup>38</sup>.

Olá, gente! Sou Sônia Guajajara, sou liderança indígena. O ano de 2020 é, para nós, um divisor de águas para a gente eleger candidatas indígenas. E é muito importante que a gente possa eleger mulheres para ocupar esse lugar nas Câmaras municipais. E hoje, eu venho aqui pedir o seu voto para a mulher guerreira, Cida Barros. O número dela é 13333. Cida Barros, mulher Xakriabá, a bandeira da luta em primeiro lugar! O candidato a prefeito é o Zé Nunes, filho da história. Vote 13<sup>39</sup> (GUAJAJARA, 2020).

Além do mais, o discurso de Sônia Guajajara tenta romper, por meio da divulgação de candidaturas de parentes indígenas de diversas etnias, principalmente de mulheres, relações políticas de poder contra povos nativos. Tais relações de poder são praticadas, geralmente, por políticos e empresários. Para Foucault (1996)<sup>40</sup>, o discurso não traduz apenas as lutas ou os sistemas de dominação, também é o poder do qual se quer apoderar:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e, também, aquilo que é o objeto do desejo. O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 92).

<sup>38</sup> FOUCAULT, 1988, op. cit., p. 92.

<sup>39</sup> GUAJAJARA, Sônia. **Mulher Xakriabá bandeira de luta em primeiro lugar**. 30 out. 2020. Instagram: @celia.xakriaba. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CG\\_dylfnIyr/](https://www.instagram.com/p/CG_dylfnIyr/). Acesso em: 18 out. 2020.

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª edição. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: Loyola, 1996.

A partir da análise discursiva dos enunciados de Guajajara, pode-se perceber a luta que ela exerce para democratizar a participação indígena na política brasileira e, assim, denunciar as práticas governamentais que tornam a condição dos povos tradicionais mais precária. Ao falar numa rede social, a voz que fala é de uma mulher que se torna sujeito de poder e reivindica direitos indígenas, dentre todos, aqueles que já estão garantidos na Constituição de 1988, se transformando em voz de todas as comunidades indígenas do país.

Ademais, a intenção de democratizar a participação indígena na construção de uma luta plural também está presente no enunciado publicado pela educadora, ativista e influenciadora digital, Célia Xakriabá<sup>41</sup>:

Atenção parentes Xakriabá e todos parentes indígenas! Você que deseja ocupar as redes, produzindo conteúdo sobre a luta indígena, seja por meio de Lives, conversas, manifestação artística, estou colocando a minha rede do Instagram à disposição, para quem deseja fazer essa ocupação. Se nossa luta é plural, a nossa voz e o ocupar destes espaços também precisa ser (XAKRIABÁ, 2020).

Ao analisar o enunciado de Xakriabá, observamos que os indígenas buscam ocupar os espaços públicos que lhes são garantidos por direito para, assim, exercer um posicionamento discursivo que contribui para a manutenção do bem-estar coletivo dos povos tradicionais. De acordo com Foucault (1988), o poder está em toda parte, porque é efeito de um conjunto discursivo que provém de todos os lugares: “e o poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las”<sup>42</sup>.

Por meio das publicações na rede social Instagram, as líderes indígenas e suas comunidades constroem práticas e relações de poder que dão visibilidade aos seus discursos reivindicatórios, pois o poder só pode ser exercido por pessoas livres e que compartilham um conjunto discursivo. Para as mulheres indígenas alcançarem o poder que tanto necessitam se apoderar, portanto, é necessária uma prática enunciativa de resistência.

O discurso e a militância da mulher indígena são usados para democratizar a luta dos povos tradicionais, manter a sobrevivência das comunidades e a preservação dos seus

<sup>41</sup> XAKRIABÁ, Célia. **Quer amplificar as vozes e ocupar e demarcar as telas? Continuar falando e fazendo luta é um ato de resistência para permanermos vivo**. 22 set. 2020. Instagram: @celia.xakriaba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFdSDEEn8Ra/>. Acesso em: 12 out. 2020.

<sup>42</sup> FOUCAULT, 1988, op. cit., p. 89.

territórios sagrados. Essa afirmação se torna mais evidente no enunciado a seguir, publicado pela educadora indígena Célia Xakriabá<sup>43</sup>:

Temos a responsabilidade de plantar, transmitir, transcender, e compartilhar nossos conhecimentos, assim como fizeram nossas ancestrais, e todos os que nos antecederam, contribuindo para fortalecermos, juntas e em pé de igualdade com os homens, que por nós foram gerados, nosso poder de luta, de decisão, de representação, e de cuidado para com nossos territórios (XAKRIABÁ, 2020).

Célia Xakriabá é uma liderança muito atuante na luta cotidiana pela sobrevivência de seu povo e pela preservação do seu território. Por meio do discurso a indígena tenta combater práticas de poder que dominam, exploram e sujeitam as comunidades indígenas à violência no campo e à marginalidade social. Posto isto, Foucault (2006) distingue três tipos de lutas: 1) contra as formas de dominação étnica, social ou religiosa; 2) contra as formas de exploração que separam os indivíduos do que eles produzem; 3) contra as formas de sujeição que vinculam o sujeito consigo mesmo, e assim, asseguram sua sujeição aos outros<sup>44</sup>.

As práticas de poder que oprimem os povos indígenas são exercidas, em sua maioria, pelo Estado, órgão público que tem como dever proporcionar o bem-estar às comunidades tradicionais; todavia, não é o que acontece na prática. Foucault afirma que as lutas exercidas por grupos marginalizados buscam a libertação de um sistema governamental opressor. Portanto, são lutas anárquicas: "Essas lutas têm por objetivo os fatos ou efeitos do poder, as formas concretas de exercício do poder. Trata-se de lutas imediatas"<sup>45</sup>.

Logo, concluímos que Sônia Guajajara e Célia Xakriabá produziram enunciados que visam a ação de democratizar a participação indígena na luta pela construção de políticas socialmente justas, para que os povos tradicionais possam usufruir do acesso às instituições públicas e do bem-estar social dentro e fora de suas aldeias.

Como apresentado anteriormente, o feminismo da mulher indígena está intrínseco à luta coletiva de suas comunidades pela sobrevivência. Dessa forma, ao mesmo tempo em que elas reivindicam o cumprimento de políticas públicas e o respeito às suas

---

<sup>43</sup> XAKRIABÁ, Célia. **Lembranças de um ano da I Marcha Das Mulheres Indígenas: TERRITORIO NOSSO CORPO NOSSO ESPÍRITO**. 06 ago. 2020. Instagram: @celia.xakriaba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDkOfs0HOZH/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

<sup>44</sup> FOUCAULT, 2006, op. cit., p. 50-51.

<sup>45</sup> Ibid., p. 47-48.

comunidades, também lutam contra as práticas de exclusão e violência exercidas por homens de suas etnias, que não as consideram sujeitos de poder.

De acordo com Dreyfus e Rabinow (2009)<sup>46</sup>, estudiosos das teorias sobre sujeito e discurso desenvolvidas por Foucault: “há diferentes modos, pelos quais em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (RABINOW; DREYFUS, 2009, p. 1). Observa-se os enunciados a seguir:

Antes de ser indígena ainda somos mulheres e ser mulher nunca foi, na verdade, um sinônimo de fraqueza, mas de sabedoria e coragem de falar, argumentar e ser clara sempre... mesmo que muitos não queiram entender. Mas ser mulher é isso, com delicadeza, resiliência, que tudo fica bem. Amor pela causa em primeiro lugar<sup>47</sup> (YAWALAPITI, 2020).

A fala da líder indígena Watatakalu Yawalapiti, coordenadora da ATIX MULHER, ligada à Associação Terra Indígena Xingu (ATIX), evidencia a luta das indígenas para serem ouvidas e para combater práticas e costumes machistas que estão enraizados na tradição do povo Yawalapiti. Ao construir o reconhecimento da relevância do seu discurso em uma sociedade misógina e patriarcal, a indígena assume o seu papel de sujeito que aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder.

Foucault refere-se a três modos de objetivação que podem transformar indivíduos, seres humanos, em sujeitos. Esses modos estão ligados à investigação que aponta para o status da ciência, em que se objetiva o sujeito “do discurso da gramática geral, na filosofia e na linguística”. Na mesma obra, DREYFUS e RABINOW discutem a segunda opção que Foucault oferece, e que está ligada ao sujeito produtivo no trabalho, e por fim, o modo que interessa a este trabalho, conecta-se ao “simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia”<sup>48</sup>. As indígenas, ao se tornarem objeto de relação com o saber e o poder, são responsáveis pela formação de enunciados de resistência contra práticas machistas em suas aldeias.

Também, Watatakalu Yawalapiti foi a mente por trás da criação da Casa das Mulheres na sua comunidade, ambiente onde as indígenas podem se reunir para discutir assuntos femininos e relacionados à manutenção da aldeia:

<sup>46</sup> DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Portocarreno e Gilda Gomes Carneiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

<sup>47</sup> YAWALAPITI, Watatakalu. 10 dez. 2019. **Instagram**: @watatakalu. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B55\\_wVYnMO\\_/](https://www.instagram.com/p/B55_wVYnMO_/). Acesso em: 18 de mar. 2020.

<sup>48</sup> DREYFUS; RABINOW, op. cit., p. 1.

Em todas as aldeias alto-xinguanas existe a Casa dos Homens que fica no centro do círculo da aldeia, mas nós não podemos usar elas, porque elas são exclusivas dos homens. Quando as mulheres precisavam fazer uma reunião para discutir algum assunto, elas se reuniam a céu aberto de manhãzinha ou tinham que esperar o sol baixar: a gente sentia muita falta de um espaço nosso dentro da aldeia. Em 2015 aconteceu um Encontro de Mulheres e não havia espaço grande o suficiente para recebê-las, foi quando decidimos que estava na hora de criar a primeira Casa das Mulheres de toda região<sup>49</sup>.

Além das lutas no mundo exterior não indígena, as mulheres indígenas lutam contra a exclusão, muitas vezes, dentro das aldeias. Não são todas as que participam das discussões políticas, muitas sofrem violência também dentro de suas comunidades, como qualquer mulher do mundo não indígena.

Ao analisar a complexidade dos papéis sociais dentro das culturas indígenas, podemos perceber nas sequências discursivas produzidas por Yawalapiti que há uma tentativa de estabelecer esse lugar de poder para as mulheres; visto que não é consenso para as comunidades indígenas, do Brasil, que todas as etnias excluam as mulheres das decisões políticas da aldeia. Para Foucault (1988), as "distribuições de poder", e as "apropriações de saber" não representam mais do que cortes instantâneos em processos, seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos. As relações de poder-saber não são formas dadas de repartição, são "matrizes de transformações"<sup>50</sup>.

As sequências discursivas citadas, acima, exemplificam a importância de a mulher indígena estabelecer relações com o saber e o poder para a formação de discursos de resistência; e assim, ocupar o seu lugar de fala que torna possível a legitimação dos seus enunciados. De acordo com Foucault (1996), o sujeito é consequência das discursivizações ao seu redor e das condições de produção em que esse sujeito se encontra.

Segundo o autor, em uma sociedade patriarcal como a nossa, conhecemos procedimentos de exclusão e interdição. Sabe-se, é certo, que o sujeito não tem o direito de dizer tudo o que pensa devido aos procedimentos de interdição do discurso. Não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, sendo as regiões da saúde, educação sexual e da política os maiores tabus discursivos a serem desconstruídos pela sociedade<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> WATATAKALU, op. cit., 2018.

<sup>50</sup> FOUCAULT, 1988, op. cit., p. 94.

<sup>51</sup> FOUCAULT, 1996, op. cit., p.9-10.

A formação discursiva do sujeito feminino indígena causa uma quebra na interdição enunciativa e na exclusão das mulheres indígenas nas decisões políticas de suas comunidades. Além do mais, os discursos das indígenas são constituídos por intermédio do processo de subjetivação na resistência, pela ruptura da reprodução do discurso dominante ao produzir um acontecimento histórico. Devido a isso foram estudados, sob uma perspectiva foucaultiana, nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram apresentados os resultados da pesquisa netnográfica sobre a formação discursiva de resistência da mulher indígena, publicada por meio da rede social Instagram; e que reivindica o cumprimento de direitos indigenistas garantidos pela Constituição Federal de 1988. De acordo com o que já havia informado na introdução e na fundamentação metodológica e teórica, este estudo se desenvolveu a partir de uma pesquisa netnográfica, que consiste na coleta de enunciados produzidos por mulheres líderes indígenas dos povos Guajajara, Xakriabá e Yawalapiti, nas páginas oficiais delas no *Instagram*.

Ademais, para a análise discursiva dos enunciados de resistência produzidos pelas indígenas, utilizamos como marco teórico os estudos de Michel Foucault retomados por estudiosos da Análise do Discurso de linha francesa, criada na França, no século XX; e ainda muito utilizada por analistas do discurso que desejam se aprofundar no estudo sobre a relação entre sujeito, saber e poder para a formação de enunciados de resistência.

Os resultados apresentados, nesta pesquisa, nos mostram o contexto de luta das mulheres indígenas e suas comunidades; além das principais pautas políticas reivindicadas pelos povos tradicionais do Brasil, que visam a democratização do acesso de pessoas indígenas à política brasileira, para a constituição de uma rede de resistência indigenista contra as opressões praticadas pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro em parceria com a bancada ruralista e empresas multinacionais. Além do mais, observamos, também, através dos enunciados produzidos pela indígena Watatakalu Yawalapiti, a formação de um discurso feminista, aos moldes da mulher indígena, que busca romper com as violências de gênero dentro e fora das aldeias.

Pesquisar a formação discursiva da mulher indígena me fez refletir sobre o meu papel como professora, mulher feminista e cidadã brasileira, que exerce um dever social de ensinar a Língua Portuguesa às novas gerações através de uma educação feminista e

antirracista. Este trabalho tem sido importante para me ajudar a compreender diversas peculiaridades que cercam a luta dos povos nativos pela defesa da vida e do território. Antes de iniciar esta pesquisa, não me questionava por que é comum não termos conhecimento sobre os discursos dos povos nativos do Brasil, principalmente os enunciados produzidos por mulheres, que por longos anos foram silenciadas.

Para finalizar, acredito que esses enunciados de resistência são usados como armas de luta para a defesa da vida e do território, em um momento histórico que a sociedade brasileira, principalmente os povos nativos, enfrenta diversos retrocessos nas políticas públicas que promovem o acesso à saúde, à educação, à moradia e a uma vida digna.

Cabe a nós, professores, através de uma educação antirracista que busca ensinar a história e a cultura de povos de origem afro-brasileira e comunidades tradicionais, conscientizarmos nossos alunos para que haja a desconstrução e erradicação de preconceitos e, conseqüentemente, de violências contra pessoas negras e indígenas. A partir disso, poderemos pensar um Brasil para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIB lança campanha “Sangue Indígena: nenhuma gota a mais”. **Conselho Indigenista Missionário**, 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/01/apib-lanca-campanha-sangueindigena-nenhuma-gota-a-mais/>. Acesso em: 01, jul. 2021.

Brasil. **Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em: 03, jul. 2021.

BRASIL. **Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília, 1973. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm). Acesso em: 03, jul. 2021.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 1ª edição. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHIARA, Ivone Di, et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarreno e Gilda Gomes Carneiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

Nara Rúbia Santos RABELO; Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ; Nunes Xavier da SILVA. O Discurso da Mulher Indígena na Rede Social Instagram: Protagonismo e Militância. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 254-277.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª edição. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª edição. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. 2ª edição. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GUAJAJARA, Sônia. 27 de set. 2020. **Instagram**: @guajajarasonia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHhKhGvFvaT/>. Acesso em: 18 out. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. 1ª edição. Porto Alegre: Penso, 2014.

LOPES, R. et al. **Personagens e Resistência: dilemas e avanços da democracia brasileira**. IFMG, 2020. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/betim/noticias/estudantes-produzemmateriais-didaticos-em-competicao-de-historia/celia-xakriaba.pdf>. Acesso em: 31 maio. 2020.

O número de indígenas mortos em 2019 é o maior da década. **Amazônia Latitude**, 2019. Disponível em: <https://amazonialatitude.com/2019/12/18/numero-de-lideres-indigenas-mortos-em-2019-e-o-maior-da-decada/>. Acesso em: 29 de fev. 2020.

PIRES, Glória. Sônia Guajajara. **Bemglô**, 2020. Disponível em: <https://bemglo.com/soniaguajajara/>. Acesso em: 01, jul. 2021.

RASMUSSEN, Bruna. O que é Instagram? **Canaltech**, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redessociais/o-que-e-instagram/>. Acesso em: 03, jul. 2021.

WATATAKALU e a formação de uma liderança indígena feminina. **Matilda.my**, 2018. Disponível em <http://matilda.my/editoria/watatakalu-e-formacao-de-uma-lideranca-feminista-indigena/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

XAKRIABÁ, Célia. **Lembranças de um ano da I Marcha Das Mulheres Indígenas: TERRITORIO NOSSO CORPO NOSSO ESPÍRITO**. 06 ago. 2020. Instagram: @celia.xakriaba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDkOfs0HOZH/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

XAKRIABÁ, Célia. **Quer amplificar as vozes e ocupar e demarcar as telas? Continuar falando e fazendo luta é um ato de resistência para permanecermos vivo**. 22 set. 2020.

Nara Rúbia Santos RABELO; Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ; Nunes Xavier da SILVA. **O Discurso da Mulher Indígena na Rede Social Instagram: Protagonismo e Militância**. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 254-277.

Instagram: @celia.xakriaba. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CFdSDEEn8Ra/>. Acesso em: 12 out. 2020.

YAWALAPITI, Watatakalu. 10 dez. 2019. **Instagram:** @watatakalu. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/B55\\_wVYnMO\\_/](https://www.instagram.com/p/B55_wVYnMO_/). Acesso em: 18 de mar. 2020. 87  
DREYFUS; RABINOW, op. cit., p. 1.